

## **Apresentação:**

Valendo-me da sabedoria de uma senhora, narradora e informante apresentada em um dos textos que compõe esta revista, apresento a discussão antropológica presente neste número da Revista *Illuminuras*: o entrelaçamento entre a arte de narrar e a arte de escutar. A palavra enunciada é constituída de movimento, um movimento encadeado na fala do narrador que conta suas histórias para serem recontadas, perpetuadas por outras vozes, outros dizeres. Um narrador e sua palavra precisam do ouvinte, de alguém interessado em mergulhar nestas histórias e através desta escuta também fazer parte delas, comprometido que está com a sua perpetuação. É neste sentido que os artigos presentes neste número da Revista *Illuminuras* vão provocar a nós leitores, antropólogos ou não, a refletir sobre o lugar da narrativa como lugar da produção de conhecimento, de si e do Outro. Ao mesmo tempo, e especificamente colocadas em termos da comunidade lingüística da Antropologia, as questões que permeiam estes textos buscam problematizar a própria escritura etnográfica, em suas diferentes formas – diários de campo, descrições etnográficas, documentários em vídeo, etc – do ponto de vista da tensão entre o vivido em campo e o que o ato de escrita pode capturar.

A revista começa, então, com o artigo de Cornelia Eckert e Ana Luiza Carvalho da Rocha "A narrativa e a captura do movimento da vida vivida", que procura problematizar a capacidade do trabalho etnográfico em expressar, descrever e restituir as histórias narradas pelos informantes, numa representação estética que configura a apropriação da voz do outro. Trata-se de uma escrita bastante complexa que reivindica o lugar de narrador do antropólogo, a partir de sua "arte de escutar" o Outro e recontar suas histórias. Ao longo deste texto as autoras refletem sobre a escrita, como obra da cultura humana, em sua relação com uma tradição oral, tendo em vista o uso que dela faz o antropólogo na construção de sua obra etnográfica. O lugar desta escrita etnográfica, para as autoras, é o da narrativa das histórias vividas e não mera transmissão de informações sobre grupos ou indivíduos pesquisados.

Nesta perspectiva de construção de uma escrita etnográfica comprometida com a narrativa das histórias do mundo, Rafael Devos no texto "Da arte de dizer: prá vê como a vida reserva tanta coisa prá gente" nos apresenta o barqueiro Mocotó e suas narrativas sobre a cidade de Porto Alegre. O contexto desta escrita refere-se ao de trabalho de campo com registros de imagens audiovisuais que irá resultar no documentário "o Barco dos Sonhos", realizado pelo Banco de Imagens e Efeitos Visuais, do qual Rafael Devos era bolsista de iniciação científica. Na composição de sua narrativa sobre a tecitura das histórias de Mocotó, o autor utilizou-se não só da escrita, mas também de imagens, na forma de frames do documentário, procurando representar a performance do narrador, seus gestos combinados com a transcrição de suas histórias. Na configuração de sua escritura, entre imagens textuais e visuais, o autor nos proporciona uma imersão nas histórias contadas por Mocotó, histórias que compõem a memória coletiva da cidade de Porto Alegre.

No contexto de uma narrativa, muitas imagens se produzem, seja na ênfase dada a descrições de lugares e paisagens, na evocação de gestos e relações. Estas imagens, sonoras de um lado, pois vinculadas à voz de quem narra, também podem ser representadas em imagens visuais, como se explicita no texto de Leandra Mylius "A imagem que permanece, a narrativa que interpreta: estudo antropológico da memória afetiva da guardiã dos retratos de família". Combinando narrativa fotográfica composta

de fotos de família da antropóloga e professora Daisy Barcellos e os relatos desta guardiã da memória da família, a autora tece em seu texto os meandros da memória que narram não só a trajetória de uma família no tempo, mas também a memória da própria cidade. Pesquisadora associada ao NAVISUAL – Núcleo de Antropologia Visual da UFRGS, Leandra Mylius aventura-se na análise destas fotografias de família doadas ao Banco de Imagens e Efeitos Visuais, compondo coleções etnográficas, tendo como fio condutor a narrativa de sua informante.

Na mesma perspectiva encontra-se o artigo de Maria Cristina Castilhos Brito França "Olhares sobre o viver, o envelhecer e o morrer de mulheres idosas na cidade de Porto Alegre", ao evocar a narrativa biográfica de mulheres idosas de Porto Alegre, enfocando questões de representação sobre vida e morte, velhice, família. Segundo a autora, no relato destas mulheres evidencia-se a idéia de que envelhecer representa uma avaliação sobre o tempo vivido, das transformações e trajetórias de vida. Este texto é parte integrante do trabalho de conclusão de curso da autora, que contou com a etnografia com populações idosas da cidade de Porto Alegre.

Fechando este número da Revista Iluminuras, temos o artigo de Thaís da Silva Vieira "Colcha de retalhos - entrecruzando narrativas biográficas". Um texto em consonância com o primeiro, pois inicia com uma reflexão da autora sobre sua "experiência iniciática" na antropologia. Vinda do Curso de Comunicação Social da UFRGS, Thaís Vieira vinculava-se ao projeto Banco de Imagens e Efeitos Visuais como bolsista de apoio técnico do Cnpq. Em seu texto, fala sobre as diferenças entre o trabalho do jornalista ao realizar uma entrevista e o ato etnográfico do antropólogo no diálogo com o outro como elemento fundamental da pesquisa, enfatizando o caráter dialógico da entrevista na relação do antropólogo com informante. É a partir deste ponto de vista que a autora tece diferentes trajetórias de vida e narrativas biográficas de mulheres idosas na cidade, abordando a questão da memória e construção de feminino entre a casa e rua. Trata-se de depoimentos e reflexões emocionantes destas mulheres, que estão na faixa etária dos 70 – 80 anos, sobre suas escolhas, sobre o tempo e as gerações, sobre as diferentes formas de viver e ser mulher no meio urbano.

Sem mais, convidamos os leitores a um mergulho nas histórias do mundo, narradas pelos autores e personagens destes textos.

Viviane Vedana